

Imagem, Palavra e Silêncio: O Cinema e o Audiovisual nas obras de Milan Kundera e Ingmar Bergman¹

Iara Maria Silva Pereira²

José Carlos Messias Santos Franco³

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Universidade Federal Fluminense - UFF

RESUMO

Este resumo nos convida a uma reflexão sobre as interseções entre literatura e cinema, tomando como base as obras do romancista Milan Kundera e do cineasta Ingmar Bergman. Trazendo à tona um discurso estético que se concentra na interioridade, na fragmentação da identidade e na crise da comunicação. A análise revela como os dois, de maneira semelhante, utilizam procedimentos formais como montagem, metalinguagem e suspensão narrativa para explorar a condição humana. Além disso, o estudo destaca a tensão entre palavra e imagem como motor de uma poética do inacabado, que se opõe à linearidade e ao apelo da resolução.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Estética; Metalinguagem; *Kitsch*; Cinema.

CORPO DO TEXTO

O romancista tcheco Milan Kundera (1929–2023), cuja obra transita entre a ironia filosófica e a metaficção, destaca-se por integrar em seus romances elementos próprios do cinema. Seu estilo, por vezes fragmentado e ensaístico, se assemelha a uma escrita visual, caracterizada por cortes abruptos, elipses, múltiplos pontos de vista e imagens que retornam ao longo da narrativa. A forma como suas histórias são elaboradas revela uma aguçada consciência da cultura audiovisual contemporânea, especialmente do cinema europeu pós-guerra, com o qual compartilha o desejo de desafiar as convenções narrativas tradicionais. Simultaneamente, Kundera exerce uma reflexão crítica sobre os limites da imagem, expressando um certo ceticismo em relação ao predomínio do visual na cultura atual.

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Graduada em Ciências Humanas/Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Bolsista CAPES pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM). e-mail: iarasilvapereira@gmail.com.

³ Professor Adjunto do Departamento de Estudos Culturais e Mídia e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Imperatriz. e-mail: jose.cmsf@ufma.br.

De outro lado, o cineasta sueco Ingmar Bergman (1918–2007) criou uma obra profundamente autoral e filosófica, marcada por uma intensa introspecção psicológica e espiritual. Seus filmes exploram temas espirituais. Seus filmes exploram temas existenciais — como o silêncio de Deus, a crise de identidade, o amor e a morte — através de uma linguagem estética densa, que valoriza o close-up, o silêncio, a encenação teatral e a metalinguagem. No universo de Bergman, a imagem transcende o papel de meramente ilustrar a narrativa, transformando-se em um campo sensível e simbólico que revela o drama da subjetividade. Com sua fragmentação narrativa, o uso expressivo de luz e sombra e a ruptura com o realismo cinematográfico clássico, o cineasta cria um audiovisual que tensiona os limites da representação e da comunicação entre os sujeitos.

Ao dialogar sobre essas duas figuras — um romancista que pensa como cineasta e um cineasta que se comporta como dramaturgo da alma — este trabalho propõe refletir sobre a presença do cinema e do audiovisual nas obras de Kundera e Bergman, enxergando-as como manifestações de um projeto estético comum. Este projeto envolve o enfrentamento da opacidade do ser, a recusa em aceitar soluções fáceis e a exploração das zonas ambíguas da experiência humana. Ambos, cada um em sua linguagem, desenvolvem um discurso fragmentário e autorreflexivo que problematiza não apenas o conteúdo de suas obras, mas também a própria maneira como uma história é contada, como uma imagem é composta e como um pensamento é estruturado.

Essa abordagem, no entanto, exige um deslocamento crítico: não se trata simplesmente de comparar dois suportes distintos com base em uma equivalência formal, mas de compreender como os procedimentos narrativos e estéticos dialogam através de estratégias semelhantes. Em Kundera, por exemplo, a narrativa frequentemente se apresenta na forma de montagem, alternando capítulos curtos que funcionam como planos-sequência interiores. Por outro lado, o cinema de Bergman vai além da mera mimese, transformando a imagem em uma linguagem filosófica capaz de sugerir o indizível por meio de gestos, silêncios e enquadramentos rigorosos. Ambos investem em uma poética da fragmentação, na qual a totalidade não é apenas uma soma de partes, mas uma rede de significados em constante tensão.

O interesse por essa análise surge da percepção de que, na contemporaneidade, as fronteiras entre os gêneros artísticos se tornaram cada vez mais fluidas. A literatura se apropria da linguagem cinematográfica, enquanto o cinema incorpora procedimentos da narrativa literária e do ensaio filosófico.

Nesse contexto, Kundera e Bergman se destacam por criar obras em que a forma é indissociável da reflexão — obras que não apenas contam histórias, mas também pensam,

questionam e experimentam. Essa dimensão ensaística e metalinguística, presente tanto na escrita de Kundera quanto nas imagens de Bergman, revela um horizonte ético e estético que rejeita a passividade do leitor ou espectador. Ambos exigem um olhar ativo, uma escuta atenta e uma entrega à incompletude e à multiplicidade.

Assim, este estudo pretende explorar, inicialmente, como Milan Kundera incorpora estruturas cinematográficas em seus romances, promovendo uma espécie de "escrita visual", na qual tempo, espaço e personagens são moldados por operações análogas às do cinema moderno. Em seguida, será abordado o cinema de Ingmar Bergman como uma linguagem do invisível, que vai além da função narrativa para estabelecer uma dramaturgia do silêncio e da expressividade do rosto. Por fim, serão analisadas as convergências entre essas duas poéticas, não para dissolver suas particularidades, mas para evidenciar como, na pluralidade das formas, existe uma inquietação comum: a busca por tornar visível o que escapa à linguagem e dar forma ao que insiste em permanecer na penumbra.

A comparação entre a obra literária de Milan Kundera e a filmografia de Ingmar Bergman vai além do simples reconhecimento de afinidades temáticas ou estéticas entre dois grandes artistas. Ela se revela como uma oportunidade valiosa para refletir sobre como diferentes meios — o romance filosófico e o cinema autoral — podem se encontrar em sua ambição de representar a interioridade humana, desafiar os limites da linguagem e dar forma ao invisível que fundamenta a experiência da vida.

Pretendemos evidenciar que tanto Kundera quanto Bergman rejeitam o modelo tradicional de representação. Suas obras compartilham um princípio comum: a complexidade da vida interior não pode ser devidamente capturada por narrativas simplificadas. A realidade é fragmentada, os indivíduos são opacos e a existência carece de lógica. Assim, ambos se distanciam das convenções de seus respectivos meios — o romance de enredo fechado e o cinema de dramaturgia clássica — em busca de uma estética que privilegia a fragmentação, o silêncio, a dúvida e a metalinguagem.

Milan Kundera, em sua obra "A Arte do Romance", sugere que o romancista contemporâneo deve agir como um montador: "o romancista é alguém que revela o que só o romance pode revelar" (KUNDERA, 1986, p. 15). Seu estilo é caracterizado por cortes abruptos, mudanças de vozes, digressões filosóficas e deslocamentos temporais, tudo isso utilizando recursos que evocam a linguagem do cinema moderno. Um exemplo claro disso pode ser observado em "A Insustentável Leveza do Ser", onde cenas íntimas e históricas se entrelaçam de forma semelhante a um filme ensaístico. A personagem Tereza é apresentada de maneira tão visual que se tem a impressão de que o narrador está operando

uma câmera interior: "Ela sonhava com sua vida como se fosse um filme que alguém estivesse filmando em segredo" (KUNDERA, 1984).

O uso da fragmentação e da elipse narrativa ressoa com as técnicas de montagem do cinema, transformando o romance em uma experiência quase visual. Ademais, a rejeição de uma linearidade estrita aproxima Kundera de cineastas modernos como Alain Resnais e Godard, com os quais ele compartilha a busca por formas que abracem a incerteza e o jogo da memória.

O cinema de Ingmar Bergman é, sem dúvida, um cinema que se volta ao rosto humano, ao silêncio e à profunda angústia existencial. Obras como "Persona", "O Sétimo Selo" e "Gritos e Sussurros" revelam imagens carregadas de simbolismo, mas de maneira sutil — um cinema que se comunica mais pela ausência de palavras do que pela fala propriamente dita. Bergman expressou sua relação com a sétima arte da seguinte forma: "As imagens em movimento se tornaram a linguagem dos meus sonhos" (BERGMAN, 1994, p. 17).

Em "Persona", a ruptura da película e a quebra da ilusão fílmica levantam questionamentos sobre a própria possibilidade de representar o outro. O filme torna-se autorreflexivo, ciente de sua construção, espelhando-se na abordagem ensaística e metalinguística presente nas obras de Kundera.

A estética bergmaniana é distintiva pelo uso cuidadoso da luz e da sombra como elementos narrativos. O som, por vezes ausente ou distorcido, busca criar uma experiência audiovisual tão subjetiva quanto um fluxo de consciência. Nesse aspecto, Bergman e Kundera encontram um ponto de convergência: ambos elaboram obras onde forma e conteúdo se entrelaçam, na tentativa de expressar o indizível.

Ambos autores compartilham um princípio essencial: a intrincada complexidade da vida interior não pode ser adequadamente capturada por narrativas simplificadas. Para eles, a realidade é um mosaico, os indivíduos são enigmáticos e a existência raramente segue uma lógica clara. Por essa razão, afastam-se das convenções de seus respectivos meios — o romance com enredo fixo e o cinema de dramaturgia clássica — em busca de uma estética baseada na fragmentação, no silêncio, na dúvida e na metalinguagem.

Por sua parte, Bergman realiza uma desconstrução. Já Milan Kundera, essa recusa pela linearidade se traduz em uma narrativa híbrida, onde o romance se entrelaça com o ensaio e as digressões filosóficas. A forma romanesca em sua obra transforma-se em um espaço de experimentação do pensamento. O romance não é apenas um compilado de histórias, mas sim uma ferramenta para refletir sobre a existência, como ele mesmo ressalta

em “A Arte do Romance”. Seus personagens não se restringem a arquétipos; são ideias em constante movimento, vozes que flutuam entre a ficção e a filosofia.

A linguagem de Kundera é marcada por ironia, leveza e uma autoconsciência que o permitem escapar tanto do *kitsch*⁴ quanto do sentimentalismo superficial, radical da narrativa cinematográfica, construindo uma linguagem audiovisual que valoriza a experiência da interioridade. Seus filmes não contam histórias da maneira convencional, mas revelam estados de alma, paisagens emocionais e dilemas éticos. O uso do silêncio, dos closes expressivos, da luz como metáfora espiritual, das interrupções formais e da temporalidade fragmentada transforma seu cinema em uma arte que pensa e sente ao mesmo tempo. Bergman não explica: ele expõe. E, ao fazê-lo, nos confronta com o abismo da subjetividade.

Assim, ambos os autores se destacam ao rejeitar a lógica da transparência, da coerência e do significado pleno. Suas obras são opacas, desafiadoras e ambíguas, exigindo do leitor e do espectador não apenas atenção estética, mas também uma disposição existencial. Ler Kundera ou assistir a Bergman é aceitar o convite para habitar o desconforto, a incompletude e o silêncio. É abrir mão da busca por respostas claras e, em seu lugar, encarar as sombras do humano.

Há um gesto ético que permeia suas criações. Ao se afastarem do espetáculo e do *kitsch*, Kundera e Bergman firmam um compromisso com a complexidade, a liberdade e a singularidade da experiência individual. Eles não produzem “obras para agradar”, mas sim para inquietar, questionar e abrir fissuras. Assim, pode-se afirmar que tanto o romance quanto o cinema, em suas mãos, tornam-se formas de resistência à simplificação do mundo.

Apesar das diferenças marcantes entre os meios—o verbo e a imagem, o tempo da leitura e o tempo da contemplação, a análise e a experiência sensorial—o que se destaca ao compará-los é a afinidade de pensamento. Ambos criam obras que vão além das fronteiras do gênero, questionando a linguagem e proporcionando experiências que vão além do conhecimento convencional. Não se trata de um saber empírico, racional ou científico, mas sim de um conhecimento poético e existencial, que emerge da arte como uma forma de reflexão.

Assim, o encontro entre Milan Kundera e Ingmar Bergman—embora hipotético, já que nunca foi explicitado diretamente—revela a força de se pensar de forma integrada a

⁴ A palavra *kitsch* é associada ao pensamento de Milan Kundera acerca do que ele chama de necessidade da mentira embelezante para satisfação de si. A Epistemologia do Romance ampara-se à ideia kunderiana de ocultação da “merda” como um ideal estético do ser em que o *kitsch*, como forma estética da negação de questões da condição humana, lida com aquilo que Hermann Broch define como ausência de reflexão ética no contexto da estética, fomentado pela necessidade do efeito estético agradável. Para a Epistemologia do Romance, o *kitsch* é a forma estética do idílio. Buscando assim uma falsa beleza e harmonia que trouxesse uma sensação de paz e fim da tragédia.

literatura e o cinema. Aqui, não é uma questão de submeter um à lógica do outro, mas de entender como ambos, por caminhos distintos, se deparam com o mesmo enigma: como representar o que não possui forma? Como dar corpo ao que escapa à linguagem? Como expressar o ser? Ao se atreverem a enfrentar essas questões, Kundera e Bergman se inscrevem na mais nobre tradição da arte: aquela que, em vez de oferecer respostas prontas, provoca perguntas e nos instiga a refletir.

REFERÊNCIAS

BERGMAN, Ingmar. **Lanterna Mágica**: Uma autobiografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

KUNDERA, Milan. **A Arte do Romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

KUNDERA, Milan. **A Insustentável Leveza do Ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

KUNDERA, Milan. **A Imortalidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

BERGMAN, Ingmar. **Persona**. Direção de Ingmar Bergman. AB Svensk Filmindustri. 1966. DVD (85 min).

BERGMAN, Ingmar. **Gritos e Sussurros**. Cinematograph AB/Stiftelsen Svenska Filminstitutet/Liv Ullmann/Ingrid Thulin/Harriet Andersson/Sven Nykvist, 1972. 1 DVD (92 min).

BERGMAN, Ingmar. **O Sétimo Selo**. Direção de Ingmar Bergman. Suécia: Svensk Filmindustri. 1957. DVD (96 min).